

## I. EDITORIAL

O presente número da revista *Mare Nostrum* faz um esforço de promover um debate internacional regional. Isso porque, embora relativamente pertos geograficamente, parece haver pouca interação entre historiadores e classicistas atuando na América do Sul. Assim, nos propomos, de forma um tanto modesta, a oferecer uma contribuição para tentar modificar esse estado de coisas. Nesse sentido, esta edição é dedicada a um debate entre historiadores brasileiros e argentinos em torno do caráter estatal (ou não) da política no mundo antigo, particularmente no que diz respeito à democracia ateniense.

O ponto de partida da discussão é o artigo de Diego Paiaro (Universidad Nacional de General Sarmiento/Universidad de Buenos Aires/CONICET), *La Pólis, el Estado y los Ciudadanos de la Democracia Ateniense como Comunidad Indivisa*, que apresenta um robusto panorama acerca do estado atual da produção em torno do problema da relação entre a pólis e o Estado, bem como suas limitações. Feito isso, Paiaro oferece uma interpretação mais complexa e nuançada da questão, a partir da ideia do corpo de cidadãos como uma “comunidade indivisa”, em um diálogo com o trabalho de Pierre Clastres. Para Paiaro, “la *pólis* se desenvolvía de forma dinámica a través de una tensión nunca del todo resuelta entre, por un lado, las *prácticas estatales* que garantizaban la exclusión/dominación/subordinación y, por otro lado, las *prácticas contra-estatales* que las evitaban”.

A partir do texto de Paiaro, Priscila Gontijo Leite (Universidade Federal da Paraíba) estabelece relações entre passado e presente em torno dos temas da organização política e da participação popular a fim de apontar como as lições do passado podem oferecer respostas alternativas ao forte crescimento das tendências neoliberais e ultraconservadoras nas várias esferas da sociedade, bem como à grande desilusão da população em relação à política, particularmente no Brasil desde de 2016. Marcelo Campagno (Universidad de Buenos Aires/CONICET) também estabelece relações comparativas, mas entre as organizações sócio-políticas da Atenas democrática e as comunidades do Antigo Oriente Próximo. Campagno chama atenção para o uso frutífero que Paiaro faz do conceito de “comunidade indivisa” de Clastres para analisar a comunidade de cidadãos e explicar que diferenças sócio-econômicas não resultam em diferenças jurídico-políticas, produzindo homogeneidade do corpo cívico. Mas ele vai além ao sugerir que a interpretação do corpo cívico como

comunidade indivisa também historiciza a formação da comunidade de cidadãos, na medida em que a lógica de funcionamento da última remonta a um mundo anterior sem a presença do Estado. César Sierra Martín (Universitat Autònoma de Barcelona), nosso único participante fora do eixo acadêmico institucional Brasil e Argentina, inicia seu comentário na mesma linha comparativa de Leite e Campano ao ressaltar uma progressiva substituição da União Européia como entidade supranacional em prol de um retorno à Europa das nações. Tendo esse paralelo como ponto de partida, Martín reflete sobre as relações entre o conceito de “comunidade indivisa” e os problemas da identidade política autóctona e do governo tirânico atenienses.

Já comentário de Marta Mega de Andrade (Universidade Federal do Rio de Janeiro) aborda a discussão sobre a pólis e a política tendo como foco o espaço habitado. Para tanto, a autora reformula o problema dando ênfase não ao Estado, mas ao poder. Nesse sentido, Andrade aprofunda o debate da antropologia política de Pierre Clastres e oferece um caminho alternativo à compreensão do poder *não coercitivo* e de uma política sem Estado, portanto, “sem rosto”, que ela considera fundamental para o estudo das mulheres no espaço da política na pólis ateniense.

Julián Gallego (Universidad de Buenos Aires/CONICET), por outro lado, ressalta um aspecto controverso da abordagem de Paiaro, ao propor que há a presença de uma lógica estatal no próprio funcionamento da comunidade de cidadãos atenienses. Norberto Luiz Guarinello (Universidade de São Paulo), por sua vez, observa que: a cidade e o período estudados no artigo são atípicos; Atenas nunca foi uma sociedade igualitária, mesmo com a exclusão escravos, mulheres e estrangeiros; a comparação entre as lideranças políticas atenienses e as lideranças políticas das sociedades da América do Sul estudadas por Pierre Clastres não se sustenta.

O debate se encerra com a tréplica de Diego Paiaro em torno dos pontos que foram levantados sobre seu texto.

A seção reservada às resenhas conta com três contribuições. A primeira delas, feita por Juliana Bastos Marques (UNIRIO), trata da obra *Classics: Why It Matters* de Neville Morley. Ela é seguida pela resenha da obra mais recente de Robert Drews, *Militarism and the Indo-Europeanizing of Europe*, realizada por Renan Falchetti Peixoto (MAE-USP). Por fim, o volume se encerra com a resenha oferecida por Helton Lourenço (UFOP) sobre o livro *Varro the Agronomist: Political Philosophy, Satire and Agriculture in the Late Republic* de Grant A. Nelsestuen.

Desejamos a todos uma boa leitura.